



REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI: análise do programa de semiliberdade e privação de liberdade através de *fanzines*

Camila Fernanda Soares Leal*
Halanna Talyta Marques Campelo**
Marco Antônio Araújo***
Patrícia Rocha Lustosa****

RESUMO

Com o intuito de alcançar novas análises para os comportamentos transgressores em jovens, além dos comumente discutidos, optou-se por trabalhar sob o crivo da teoria das Representações Sociais de Moscovici e como foco as práticas infracionais. Objetivou-se elencar as representações sociais do adolescente em conflito com a lei em cumprimento de medida socioeducativa, tanto em regime semiaberto quanto em regime fechado, e a partir daí constatarem-se produções semelhantes e singularidades dos dispositivos de privação de liberdade e de semiliberdade. A amostra foi composta por 4 adolescentes voluntários que estavam cumprindo medida de semiliberdade e 4 estavam em medida de internação no Centro Educacional Masculino (CEM) em Teresina, Piauí. A ferramenta utilizada para coleta de dados foi a produção de *fanzines*, um recurso de mídia independente (datado desde 1930), isto é, que independe dos grandes meios de comunicação, estimulando o jovem na sua singular expressão sobre os temas lhe dizem respeito. Utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (2011) por meio da categorização e exposição iconográfica dos *fanzines* produzidos pelos jovens. A realização da pesquisa converge com os propósitos de pensarmos novas metodologias para a apreensão dos sentidos que os jovens trazem a respeito da medida socioeducativa que lhe fora imposta e experimentar recursos pouco convencionais no contexto da pesquisa científica.

Palavras-chave: Jovens em conflito com a lei. Liberdade. Medida socioeducativa. Representações Sociais.

ABSTRACT

In order to obtain new analyzes of transgressive behavior in teenagers, we decided to work with the commonly discussed Theory of Social Representations of Moscovici and to focus on the infraction acts. The goal was to rank the social representations of youngsters in conflict with the law and under the correctional process, both in semi-open and closed system. So that can be pointed the similar and the singular productions in each one. The sample consisted of four youngsters' volunteers who were living in semi liberty and four were in the detention in Centro Educacional Masculino (CEM) in Teresina, Piauí. For data basis, It was been chosen the production of *fanzines*, a resource for independent (first appearance in 1930s), in other words, which is independent from de mainstream media, encouraging youngsters in their unique expression on topics that were related to them. Thus, the content analysis from Bardin (2011) applied on categorizing the iconographic exhibition of the youngsters' *fanzines* product. The research goals new methodologies to see otherwise the knowledge of youngsters on their correctional process and try new resources in context of scientific research.

Keywords: Youngsters in Conflict with the Law. Freedom. Social-Educative Sentence. Social Representations.

* Acadêmica do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

** Acadêmica do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

*** Acadêmico do curso de Psicologia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI)

**** Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Docente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI)



1 INTRODUÇÃO

A adolescência é o período compreendido entre a infância e a idade adulta caracterizada por intensas mudanças, tanto físicas quanto sociais. É prescrita como uma fase de transição entre a dependência da infância e a autonomia adulta (CLOUTIER, 2012).

Segundo Calligaris (2000), para conquistar a autonomia que lhes é posta em moratória, o jovem transgredir e, sendo assim, a delinquência poderia ser considerada uma vocação dos adolescentes, pois, por não serem reconhecidos dentro do “pacto social,” tentarão ser reconhecidos fora deste. Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001, p. 19) relatam que “há na juventude de todo mundo um gosto pelo risco, pela aventura, pelo protagonismo, seja para produzir algum sentido ou pelo puro prazer de manifestar contestação”. Entretanto, deve-se pensar em outras justificativas para tais comportamentos transgressores em jovens.

Nossas contradições culturais, políticas econômicas e sociais promovem na mesma moeda a satisfação de alguns e a insatisfação de uma grande maioria que não tem a oportunidade sequer a manutenção vital (MOREIRA, 2000). Diante desse cenário de forte apelo ao consumo, priorização do financeiro, grande taxa de desemprego, massificação e criminalização da pobreza e desigualdade social, atividades ilícitas viram uma opção para aquisição de bens de consumo e estilos de vida, ou seja, tornam-se uma possibilidade imediata de consumo e status (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2001).

Assis (1999 *apud* CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2001) afirma que a participação de jovens em atividades ilegais conta com três níveis de conceituação, a saber: estrutural; sociopsicológicos e individual que englobam os aspectos biológicos e psicológicos deste jovem. (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2001). O aporte conceitual desta pesquisa está em Moscovici (2007), quando trata das representações sociais como categorias estabelecidas socialmente com principal objetivo de facilitar a interpretação de características sociais, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas e grupos sociais. Portanto, surge a seguinte questão norteadora: na atualidade, como se estabelecem as representações sociais que enquadram características e perfis de adolescentes em conflito com a lei que estejam em cumprimento de medida em semiliberdade e em medidas de internação em Teresina, Piauí?

2 MÉTODOS E PROCEDIMENTOS

Este projeto de pesquisa é de cunho qualitativo. Sua Epistemologia, segundo Rey (2005), representa um método de conceber os princípios gerais de uma perspectiva

metodológica apropriada ao estudo dos processos psicológicos, adequada para o presente estudo, pois “o pesquisador vai construindo, de forma progressiva e sem seguir nenhum outro critério que não seja de sua própria reflexão teórica, os distintos elementos relevantes que irão se configurar no modelo do problema estudado” (REY, 2002, *apud* REY, 2005, p. 81).

Os pesquisadores ouviram 8 (oito) adolescentes em conflito com a lei que participaram das oficinas de *fanzine*, divididos em dois grupos (4 em semiliberdade e 4 em privação de liberdade).

Apresentamos e esclarecemos aos adolescentes que estiveram presentes os objetivos da pesquisa bem como a proposta de técnica utilizada, a produção de *fanzines*. Trata-se de um recurso de um recurso de mídia independente (datado desde 1930), isto é, que independe dos grandes meios de comunicação, estimulando o jovem na sua singular expressão sobre os temas lhe dizem respeito. Em sua origem, o termo engloba a escrita (*magazine*) sobre uma abordagem pessoal, a do fã. A “revista do fã” reflete uma opinião pessoal sobre um grupo ou banda que era admirada e seguida. O *fanzine* passou a ser compreendido como um modo de comunicação e laço social, no espectro micro, em que o autor manifestava opinião sobre um tema de interesse. Para nossos dados, especificou-se para eles o tema “liberdade”.

A produção de *fanzines* e todo o processo das oficinas foi analisado com Bardin (2011), que se trata de um conjunto de técnicas, em diferentes etapas, de análise das comunicações. A análise de conteúdo, segundo Bardin (2011), utiliza procedimentos sistemáticos na descrição do conteúdo das mensagens, enriquece a tentativa exploratória aumentando a propensão à descoberta, além de ser um método empírico que depende do tipo de fala a que se dedica e do objetivo que se visa atingir.

As diferentes etapas da análise de conteúdo organizam-se em três grandes polos cronológicos: a Pré-análise é a fase que tem por objetivo a organização. É um período de intuições que tem por objetivo operacionalizar e sistematizar as principais ideias do analista de forma que o conduza a um esquema preciso das operações sucessivas no decorrer da análise (BARDIN, 2011). A segunda etapa, a de exploração dos materiais, consiste em operações de codificação, decomposição ou enumeração, em função de regras previamente elaboradas. Dentre estas regras, a principal é a categorização. Para Bardin (2011), categorização é uma operação de classificação de elementos por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento de acordo com características análogas. No terceiro polo cronológico da análise de conteúdo os resultados são tratados de maneira a tornarem-se significativos e válidos. Para conferir um maior rigor sistemático, esses resultados são submetidos a provas estatísticas, bem como a testes de validação. Após a validação, o analista poderá dispor de

resultados significativos que lhe proporcionarão fazer inferências e adiantar interpretações a respeito dos objetivos previstos ou de descobertas inesperadas (BARDIN, 2011).

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ADOLESCENTE EM CONFLITO COM A LEI

De acordo com Moscovici (2007), as representações sociais são fundamentalmente um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. São fenômenos ou categorias de pensamento que expressam uma parcela da realidade e têm funções que a constituem e explicam-na. Têm como principal objetivo facilitar a interpretação de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade e formar opiniões. O autor deixa claro que a transição para a modernidade tem uma grande influência para o surgimento de novas formas de comunicação. A melhoria na imprensa e a alfabetização possibilitaram a disseminação de conhecimento e com isso a grande dispersão de ideias e as representações sociais podem ser fruto dessa ampla gama de comunicação, servindo também para efetivá-las. Entretanto, representações sociais são extremamente voláteis, à medida que os interesses dos humanos mudam, novas formas de comunicação surgem possibilitando o surgimento de novas representações sociais, sendo estas, portanto, estruturas que se tornaram dialeticamente instáveis e estáveis (quando uma nova representação se manifesta e começa a atravessar a estrutura mais estável de uma representação social já em manutenção em estruturas anteriores). A perspectiva das Representações Sociais, procura traçar as linhas de ação desse processo, sublinhando o caráter mutável e estável dos sentidos postos pelas pessoas em sociedade.

Tentou-se aqui olhar o adolescente em conflito com a lei e elencar as representações sociais que o englobam. Segundo Pinheiro (2004, p. 344),

Tomar as representações sociais como via analítica, requer adentrar no contexto social no qual foram gestadas, porquanto é na tessitura das relações e das trocas sociais, mediadas por instituições políticas e sociais, que vem se constituindo o pensamento social sobre a criança e o adolescente. (PINHEIRO, 2004, p. 344)

Reiterou-se que a categoria “menor” constitui uma representação social do adolescente, terminologia utilizada para categorizar a população infanto-juvenil de rua, fora da escola, órfãos, carentes e infratores. Com o advento do ECA (1990), essa categoria assume uma nova denominação, e os jovens que cometem ato infracional passam a ser representados pela expressão “adolescentes em conflito com a lei”. Mesmo após essa nova denominação

sustentada em lei, essa expressão configura uma representação social sob o jovem que comete algum ato infracional rotulando-o e estigmatizando-o, termo este que para Goffman (1988) é usado em referência a um atributo depreciativo.

Diante disso, o adolescente, ao cometer um ato infracional, passa a vivenciar duas situações distintas em virtude dessa nova categoria em que se insere, de um lado como sujeito de direitos e objeto de proteção social, direitos esses configurados na Constituição Federal de 1988 e regulamentada em 1990 pelo ECA, o adolescente, portanto, é sujeito de direitos garantidos em lei, e esse direito lhe reserva a parcela da sociabilidade que lhes cabe (OLIVEIRA, 1996); de outro, a representação que a sociedade tem do jovem de que ele é marginalizado e delinquente e julgado por tal como não detentor desses direitos delimitados em leis. Moscovici (2007), alerta para a situação que envolve esse fenômeno, pois, segundo ele, a sociedade confina o sujeito a um conjunto de limites linguísticos, espaciais e comportamentais e a certos hábitos. Se esse confinamento for tão arraigado chegando ao ponto de deixá-lo ciente de tal categorização, essa interferência será levada ao ponto de influenciá-lo, pelo fato de se formular exigências específicas relacionada às expectativas sociais.

No que tange à segunda situação delimitada acima, é demasiadamente delicado o tocante que envolve a visão social do crime, independente de seu caráter penal. Segundo Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001, p. 17), “a situação infracional é, e será sempre, um campo problemático para a sociedade”.

Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001), explicam que o crescente aumento nas infrações justifica-se pelo processo de formação de cada sociedade e tem raízes no processo de exclusão e desigualdades estruturais. Segundo os mesmos autores, vivemos numa sociedade permeada por contradições socioeconômicas e políticas que delineiam, no limiar do marco histórico-temporal do início do século, um movimento crítico e de grave potencialização de conflitos. Deparamo-nos com um mundo globalizado capaz de desenvolver processos socializadores tão distintos que, ao mesmo tempo em que propicia satisfação de alguns com o seu avanço tecnológico, gera frustração de muitos que são excluídos muitas vezes até mesmo do acesso a seus direitos e suas garantias mais fundamentais (MOREIRA, 2000).

Pode-se perceber a partir da afirmação dos autores, que a sociedade cria meios que enviesam a prática infratora nesses jovens, o que configura outra representação social que assola este adolescente infrator. A mídia intensifica o desejo ao consumo nos espectadores e enquanto a sociedade aponta que este jovem, que muitas vezes (quase que unanimemente) vive em situação de pobreza, não possui esse direito, sendo este tão difundido culturalmente

nas sociedades capitalistas, o crime vem para o jovem como uma possibilidade de garantir esse direito. Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001) acrescentam que esse viés representa, portanto, uma possibilidade imediata de consumo, de status, de poder e de sua identidade social.

Diante dessa realidade social que o jovem vivencia, existem duas possibilidades de escolha: ser um trabalhador pouco qualificado, com baixíssima remuneração, e continuar assim, excluído do mundo imediatista do consumo de bens materiais, ou entrar para o crime, que mesmo sendo um meio de vida arriscado, vai garantir-lhes ganhos mais elevados (CRUZ NETO; MOREIRA; SUCENA, 2001).

É, portanto, necessário que estes jovens em conflito com a lei não sejam vistos sempre como hostis ou inimigos, mesmo que não sejam inocentes e não tenham sua culpabilidade retirada ou diminuída. Todavia devem-se refletir as ações políticas que podem ser eficazes para combater os comportamentos desviantes, não apenas de jovens, mas da sociedade como um todo. Deve-se refletir que por trás de jovens hostis e estigmatizados existem indivíduos desamparados pelo poder público e com isso buscar compreender os motivos e causas que engendram tal situação para assim destacar os aspectos que oferecem reais condições de socialização a esses jovens em conflito com a lei.

3 RESULTADOS

3.1 Chegada e Organização

Os jovens que estavam cumprindo medida de privação de liberdade demonstraram certa inibição com o primeiro contato, porém, percebeu-se que não durou muito mais que alguns minutos, respondiam nossas perguntas além do que era solicitado, faziam questão de participar em todas as questões levantadas, traziam outros conteúdos para a conversa, durante este momento, em média, quarenta minutos. Ao contrário dos jovens que estavam cumprindo medida de semiliberdade, que permaneceram inibidos durante todos os dias de aplicação das oficinas, dificilmente respondiam completamente nossas perguntas, não demonstravam interesse em participar ou conversar sobre os assuntos levantados, muito menos davam continuidade a alguma resposta, durante, este momento, cerca de quinze minutos.

Um dos pontos levantados pelos garotos do Centro Educacional Masculino (CEM) foi de que todos eram tratados como iguais, que não tinham particularidades ou individualidade enquanto cumpridores de medida socioeducativa. Um dos garotos relatou que “o que um faz, todos pagam”. Os outros complementaram falando que não tinham voz, respeito além de

passarem por agressões físicas e verbais. Deschamps e Moliner (2009) citam como ameaça do estereótipo, que é quando um indivíduo tende a perceber o outro não dentro das suas especificidades ou então pela sua conduta, mas sim em razão do grupo a qual ela pertença, traçando assim um estereótipo negativo sobre o indivíduo. Tocou-se neste mesmo tema com os garotos em semiliberdade, porém, não houve uma discussão proveitosa, pois responderam apenas negando que houvesse uma individualidade lá e não se ativeram a detalhes. Os jovens em cumprimento de medida de privação de liberdade falavam sobre aspectos e situações de maneira generalizada, referindo-se muito pouco à sua subjetividade, o que não foi tão observado na liberdade assistida, pois os jovens trouxeram mais discursos pessoais.

Ao ser discutido sobre os sonhos e perspectivas para o futuro que eles poderiam ter, os jovens de ambas as medidas demonstraram semelhanças: a maioria dos jovens trouxe cuidar e estar com a família, ter uma profissão reconhecida socialmente ou terminar os estudos, como principal perspectiva sobre o que fazer ao terminar de cumprir a medida socioeducativa. Entretanto, pareceu contraditório quando os jovens das duas medidas relataram não saber que profissão seguir ou que não pensavam ou desejavam, ainda, alguma profissão específica. Isso nos faz pensar sobre o que eles afirmaram ter como sonhos, apenas uma fala de reprodução daquilo que é esperado para eles que estão em cumprimento de medida. Esse discurso de reprodução apareceu em 6 dos 8 jovens participantes, e nos demonstra uma não implicação ou apropriação com o que se diz, ou talvez não haja nestes jovens representantes da massa, investimento em si.

Também abordamos os “medos” como tema para discussão. Não se constatou diferenciação entre as duas medidas, pois todos alegaram que o principal medo que possuem é o da morte e trouxeram isso em algumas variações como medo de “morrer de faca”, “medo de todo mundo que é vivo”, o que representa o meio em que foram inseridos. A morte parece ser algo iminente para quem adentra o viés do crime e principalmente os que pertencem a classe social desses adolescentes. Verificou-se apenas uma singularidade no CEM, os jovens relataram ter medo de não conseguirem sair da instituição com vida, uma vez que a grande maioria, segundo eles, sai de lá fugindo ou morrendo. Segundo Fraga e Iulianelli (2003), uma questão que tem sido bastante referenciada é a crescente capacidade da sociedade de descartar vidas precocemente. O crescente número de mortes violentas entre os jovens, principalmente os mais pobres demonstram que a sociedade está configurada de modo a eliminar os seus “indesejáveis”, especificamente os que estão à margem da esfera do consumo.

A menção ao consumo foi feita deliberadamente pelos jovens de ambas as medidas, que destacaram o desejo em consumir, principalmente artigos tecnológicos, como celular,

notebook, entre outros. Na semiliberdade, atribuíram uma dificuldade em viver no mundo por conta de não poderem consumir o que querem. O jovem está entre diversas representações sociais e uma delas ele toma para si. É demonstrada que a relação de poder entre o consumir e o ser, a representação de consumir e ser valorizado. Cruz Neto, Moreira e Sucena (2001) acrescentam que o crime representa, portanto, uma possibilidade imediata de consumo, de status, de poder e de sua identidade social sendo, portanto, a forma encontrada por estes jovens que estão à margem dessa sociedade consumista. Fraga e Iulianelli (2003), discutem que o contato de toda a sociedade com o crime parece indicar que essa é também uma forma de inserção no mundo do consumo, compreendendo não apenas os mais jovens e mais pobres, mas a sociedade como um todo. Os autores apontam ainda, que “a história humana não conhece a sociedade sem crime.” (p. 12). Segundo eles, sempre haverá íntimas ligações entre o crime e a legalidade, ainda que se procure escondê-las. Garland (2008, p. 416) descreve que as liberdades individuais conferidas pelas morais e pela pós-modernidade receberam uma nova estrutura de controles e exclusões direcionada àqueles grupos mais desfavorecidos pela dinâmica econômica e social. De acordo com Sales (2003, p. 200), a juventude não está limitada a uma categoria social reduzida a uma faixa etária e que requeira mediações históricas e culturais, mas sim uma etapa do desenvolvimento que contém e generaliza desejos e aspirações, principalmente quando é tão reforçado pela mídia o poder do consumo. Nesse sentido, intensifica-se no jovem da periferia o sentimento de exclusão pela crise de viés social, o que converge com as ideias de Garland (2008). O autor afirma que devido a isso, instala-se uma relação conflituosa do adolescente com o seu ambiente que pode levá-lo a assumir comportamentos revoltosos contra leis e autoridades.

Família e amigos foram elementos que demonstraram exercer influência sobre todos os adolescentes, em ambas as medidas. Todos, sem exceção, demonstraram afinidade com os familiares, mesmo após cometerem o ato infracional e estarem na medida socioeducativa. Verificaram-se relatos como o de um dos jovens cumprindo medida de semiliberdade, que falou do filho e da namorada e afirmou que a relação com a família não mudou, nem com a namorada “ela só brigou e discutiu, mas depois ficou tudo igual”, outro, também em semiliberdade, relatou sentir saudade da mãe. No CEM, os jovens continuam recebendo visitas dos seus familiares e a grande maioria tem mães jovens adultas e muitos são criados pelos avós. Na semiliberdade destacou-se o afastamento de alguns amigos após o ato infracional cometido.

3.2 Diagramação Semântica

Denominou-se diagramação semântica o momento de construção de ideias, tendo por tema de partida “liberdade”. Consistiu em instigá-los a falarem a primeira palavra ou pensamento que tinham ao refletirem sobre o tema proposto. Este momento teve função primordial para a construção dos *zines* uma vez que as ideias expostas e discutidas foram anotadas em um quadro branco presente na sala podendo, portanto, serem visualizadas ao formarem uma “rede de pensamentos” que serviu de base para a produção. No CEM, este momento durou cerca de 35 minutos, enquanto na Semiliberdade, este momento durou em torno de 15 minutos e surgiram algumas expressões semelhantes e diferentes.

Constataram-se semelhanças nos discursos dos adolescentes em ambas as medidas socioeducativas. O elemento “família e amigos” surgiu no momento de roda e conversação e permaneceu no momento de diagramação semântica, demonstrando ter forte influência no discurso dos jovens. Também permaneceu no discurso dos jovens para a constituição da rede o desejo pelo consumo, estando presente em palavras como “boa vida, ter o que quer”.

Entretanto, puderam-se observar divergências no que os jovens trouxeram. Os participantes da Semiliberdade demonstraram maior apropriação com os elementos trazidos, pois expuseram, principalmente, palavras ligadas à diversão, como, por exemplo, “fazer bagunça e ir para as festas”, enquanto no CEM observou-se uma maior frequência de um discurso reproduzido, sendo fortemente observados nas expressões “caráter, servir de exemplo, sair recuperado”. A falta de apropriação com o que foi dito pelos jovens cumprindo medida socioeducativa de internação pôde ser notada quando, ao serem questionados sobre o porquê da escolha de algumas palavras, não souberam esclarecer sobre tal. Na Semiliberdade, surgiu, em determinado momento da discussão, a expressão “apagar os erros” aparentemente sob a lógica de um discurso de reprodução, possivelmente influenciado pela frase “ter a mente limpa,” dita anteriormente por um socioeducador que estava presente. Tais falas de reprodução, provavelmente tenham sido controladas pela força que as expressões representam para pessoas que cometeram atos infracionais. Acredita-se que essas palavras tenham sido usadas demonstrando uma fala de reprodução, podendo ser algo presente no discurso que eles escutam, como algo que talvez os falte e por isso estão privados de liberdade, algo que sociedade espera de alguém que está ‘livre’ ou algo que esperam que ele diga.

3.3 Produção dos *Fanzines*

O terceiro momento foi reservado para a produção dos *fanzines*. Ocorreu após a diagramação semântica, pois os jovens deveriam usar as ideias que foram discutidas para embasar sua produção. A partir da análise iconográfica feita através dos *fanzines* produzidos pelos adolescentes de ambas as medidas, puderam-se constatar semelhanças, mas também divergências no que diz respeito à implicação com a atividade, apropriação com as informações que compunham as páginas dos *zines*, cuidados estéticos e ortográficos e algumas representações sociais.

No CEM, observou-se um maior comprometimento com a produção dos *fanzines*. Notou-se, no geral, que todos se implicaram com a construção, trouxeram para os *fanzines* os elementos discutidos no momento anterior, preocuparam-se com a estética e com a coerência entre imagens e elementos textuais. Todos os jovens buscaram trazer imagens que estavam relacionadas à sua vida e ao que foi discutido na diagramação. Em todos os *zines* produzidos pela amostra do CEM apareceram imagens que retratavam a família, amigos, namoradas, pessoas ou personagens sorrindo e aparentemente felizes. Um dos adolescentes trouxe como conteúdo para o *zine* a realização de atividades que gostaria de fazer, como cantar e surfar. Outros elementos trazidos em dois dos quatro *fanzines* produzidos foram a importância do estudo e o anseio por uma profissão. As imagens de profissões escolhidas foram pensadas de forma que ilustrassem a representação que o jovem tem de si mesmo, uma vez que as escolhas foram feitas a partir do que eles acreditavam encaixar-se ao próprio perfil (FIGURA 2). Ao analisar o conteúdo iconográfico e textual no *zine* acoplado a outras informações já discutidas anteriormente, pode-se perceber que tal conteúdo, estudar para ter uma profissão, trata-se de um discurso de reprodução ou talvez, escolher uma profissão, como a de cabeleireiro, em detrimento de outras seja feita, pois esta demanda um “caminho” mais curto a percorrer apresentando, portanto, um paradoxo com o discurso “preciso voltar a estudar para ter uma profissão”.

Outro *zine*, intitulado como “Vontade de voltar para casa, outro caminho para a liberdade” (FIGURA 8) retratou um conteúdo levantado durante a roda de conversa: a fuga de adolescentes do Centro Educacional onde cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade. O adolescente fez várias intervenções nas imagens, demonstrando uma apropriação com o conteúdo trazido. Ele entrevistou textualmente ao falar sobre a fuga das prisões, e destacou que elas podem ocorrer devido ao tédio. Seu *zine* retrata ainda que meninos se arriscam a fugir para contrariar a lei, sendo então perseguidos pela polícia, porém, ao fugirem, passam a viver preocupados e escondendo-se e que isso não é liberdade. Galvão (2010, p.85) discute sobre o papel do *fanzine* e o coloca como um “lugar de acontecimento e de produção de

sentidos, como forma de se colocar no mundo e interpretá-lo”. Tal apropriação demonstra que o lugar do *fanzine*, de acordo com Galvão (2010), foi estabelecido. O *zine* foi produzido, portanto, como um local de produção de saberes, disseminação de sentidos e percepções que o *fanzineiro* tem de si e do mundo, além de propagador de ideias e produtor de subjetividade. Pode-se também encontrar intervenções nas imagens em outros *fanzines* que receberam os títulos “Gostinho da liberdade” e “O que eu vou fazer na liberdade?”. (FIGURA 1)

No *fanzine* intitulado “Gostinho da liberdade” (FIGURA 9) encontram-se conteúdos que remetem ao consumo acompanhado da palavra liberdade produzindo o sentido de que “liberdade é consumir” (FIGURA 10). O consumo foi trazido como elemento também em momentos anteriores a este de produção dos *fanzines* e encontra-se fortemente representado por este jovem. Falar sobre o consumo é adentrar o campo das representações sociais. Fazendo uma relação com “liberdade é usar redes sociais e celulares” trazido no *fanzine* e o discurso deste jovem durante toda a oficina, pode-se notar a representação social do consumidor como alguém valorizado e feliz.

Em um dos *fanzines* produzidos não foi encontrado nenhuma imagem ou elemento textual que indicasse que o autor estivesse sob privação de liberdade ou que tivesse cometido um ato infracional. O *fanzine* recebeu o título “liberdade é tudo” (FIGURA 6) e retratou imagens de amigos e lazer. Não é possível afirmar que não exista uma responsabilização com o ato infracional cometido, porém demonstra que talvez estar cumprindo medida socioeducativa não esteja presente na percepção que tem de si, ou seja, não tenha função no seu processo identitário, na sua constituição do EU (DESCHAMP; MOLINER, 2009; JURBEG, 2000). Pertencer à categoria ‘jovem infrator em cumprimento de medida’ talvez seja repulsivo devido a todos os estereótipos usados para quem é enquadrado como tal, enquadrado na criminologia do outro (GARLAND, 2008).

Nenhum dos adolescentes do CEM optou por colocar no editorial do *fanzine* que poderia ser encontrado no centro educacional em que estavam cumprindo medida socioeducativa. Tal informação sugere que a representação social de um jovem que está cumprindo medida socioeducativa de privação de liberdade não está presente nas representações que estes jovens tomam para si, uma vez que, para a sociedade, é fortemente arraigada a ideia de que um jovem que esteja privado de liberdade é marginalizado e perigoso, enquadrado na criminologia do outro (GARLAND, 2008).

Na medida socioeducativa de Semiliberdade encontram-se algumas divergências significativas e quase nenhuma semelhança no que diz respeito à produção dos *zines*. Enquanto no CEM, nenhum dos adolescentes optou por declarar que poderia ser encontrado

na instituição, na Semiliberdade todos os jovens puseram no editorial do *fanzine* que poderiam ser encontrados na medida que estão cumprindo. Não podemos afirmar, porém, se esse dado nos indica uma não implicação na importância do *zine* ou se nos indica que ele assume e se responsabiliza pelo ato infracional cometido apesar de todo o discurso social que o engloba ao assumir esse posicionamento. Podemos mencionar ainda o processo identitário. Além de seres individuais que possuem identidade pessoal, todos nós nos percebemos como pertencentes a grupos de uma determinada comunidade e, ao nos definirmos em função dos grupos em que pertencemos construímos, nossa identidade social (JURBERG, 2000). Afirmar ser encontrado na Semiliberdade pode demonstrar a força que possui a identidade social deste indivíduo ao estar cumprindo medida socioeducativa como responsabilização dos atos infracionais cometidos.

Outra divergência encontrada entre as amostras foi a implicação e interesse com a produção dos *zines*. Nos jovens da Semiliberdade observou-se desinteresse com a oficina e com a produção dos *zines*. Encontrou-se ainda, incoerência entre os elementos trazidos nos *zines* apesar da estética. Os títulos foram: “A tasa da copa”, (sic.) “Liberdade inspira” (FIGURA 4) “A liberdade na vida atual” e “viver a liberdade da natureza”.

No primeiro *fanzine* citado, “A tasa da copa”, não houve implicação na produção dos *zines*. Na capa há a imagem de um piloto de fórmula 1, segurando uma taça e, ao lado, imagens de bolas em uma exposição. Dentro ele escreveu duas páginas de informações retiradas de uma matéria sobre futebol e ilustrou com imagens de jogadores de futebol. As imagens escolhidas são coerentes com as palavras escritas, mas não com o tema liberdade discutido na diagramação semântica. Ao ser indagado sobre o porquê da escolha de tal tema [futebol] para seu *zine*, o garoto não respondeu. Limitou-se a balançar a cabeça.

No *fanzine* intitulado “Liberdade inspira”, as imagens escolhidas demonstram o discurso presente entre esses adolescentes, como na imagem de motoqueiros livres, “sem rumo”, com suas motos caras e uma mulher na garupa. Entretanto, os elementos textuais trazidos não têm coerência com as imagens. Os textos trazem palavras específicas soltas dentro de um conteúdo incoerente com a imagem, como a frase “Espalhados, mas unidos na fé” (FIGURA 4). A escolha da imagem acompanhada a esse elemento textual específico demonstra a vaidade, o consumo e a religião, conteúdos que parecem ser um discurso muito forte para estes jovens. O *fanzine* retrata ainda a família e o dinheiro como elementos para ilustrar a liberdade. Outro *fanzine* que retrata a família chama-se “Liberdade na vida atual”. O autor trouxe elementos discutidos na diagramação semântica, mas também trouxe a imagem

de policiais aplicando multa em motoristas adicionando um elemento textual que explanava sobre mortes.

O quarto *fanzine* citado “Viver a liberdade da natureza” (FIGURA 4) demonstra a não implicação com a proposta do *zine* e com o tema liberdade. O adolescente não estava interessado na finalização e na construção do material.

As semelhanças encontradas nos *zines*, de ambas as medidas, foram os elementos “consumo” (FIGURA 5) e “família” (FIGURA 3).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso dos *fanzines* como ferramenta para colher elementos presentes nas representações sociais nos adolescentes mostrou-se bastante produtivo e válido para as análises realizadas. Este método, tido como um processo complexo e com capacidade de várias articulações se tornou assertivo para veiculação da subjetividade de cada um dos sujeitos envolvidos. O compartilhamento de todo o momento de produção concretiza o objetivo inicial do trabalho que tinha, por uma das metas, fazer com que aquele momento fosse vivenciado como uma expressão de si.

O trabalho possibilitou dar voz a um *coorte* excluído de um meio social que satisfaz alguns e rotula outros já cerceados por um cenário vulnerável, permitindo a expressão daqueles adolescentes. A partir de uma análise pormenorizada deste processo é possível observar que os *fanzines* possibilitaram àqueles adolescentes condicionados por inúmeras formas de sujeição, uma oportunidade de serem vistos como sujeitos implicados em uma responsabilização, onde assim como assinala Magalhães (2004, *apud* MUNIZ, 2010, p. 16) no comando do processo de produção o fanzineiro é responsável pela “coleta de informações, diagramação, composição, montagem, edição, além da impressão e distribuição, o que lhe possibilita maior liberdade de criação e expressão”. Pôde ser percebida a inexistência que há nesse meio, de possibilidades para que os jovens possam colocar-se como pessoa, implicar-se e responsabilizar-se em reflexões e atividades, dinâmicas pessoais e psicológicas que viabilizam de forma eficaz a reinserção desses adolescentes na sociedade.

No decorrer das oficinas, foi possível ouvir dos jovens do CEM o quanto a medida dita socioeducativa, é mais repressiva do que qualquer outra. Relataram agressões físicas e verbais sofridas por eles dentro da instituição por quem, teoricamente, resguarda o dever de proteção da sociedade. Um fator preponderante é de que não houve liberdade para os adolescentes participarem do trabalho por livre vontade e sabendo previamente o que iria ser pedido a eles.

Esta é uma representação momentânea do que lhes acontece diariamente dentro da medida: processos impositivos os rodeiam, numerosas situações cotidianas são sobrepostas às vontades dos adolescentes, apenas o instrumento não se basta.

Analisando este resultado, com pontos tão divergentes entre o CEM e a Semiliberdade, questionou-se sobre a ação efetiva da medida socioeducativa de semiliberdade, quais os pontos em que ela realmente toca a ressocialização do adolescente e de que forma o adolescente vê essa e outras medidas socioeducativas mais brandas que a medida de internação.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CLOUTIER, Richard. **Psicologia da adolescência**. Rio Grande do Sul: Editora Vozes, 2012.

DESCHAMPS, Jean-Claude; MOLINER, Pascal. **A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais**. Tradução de Lúcia M. Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRAGA, Paulo Cesar Fontes; IULIANELLI, Jorge Atílio Silva. **Jovens em tempo real** (orgs.) São Paulo: DP&A, 2003.

GARLAND, David. **A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea**. Rio do Janeiro, Revan, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

MOREIRA, Marcelo Rasga. **Nem soldados, nem inocentes: jovens e tráfico de drogas no município do Rio de Janeiro**. (Mestrado) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública; 2000. p.162

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.

CRUZ NETO, Otávio; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. **Nem Soldados Nem Inocentes: juventude e tráfico de drogas no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

OLIVEIRA, Salete Magda de. **Inventário de Desvios**: os direitos dos adolescentes entre a penalização e a liberdade. Dissertação (mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1996.

PINHEIRO, Ângela de Alencar Araripe. A Criança e o Adolescente, Representações Sociais e Processo Constituinte. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 9, n. 3, p. 343-355, set./dez. 2004.

REY, Fernando González. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Thomson Learning, 2005.

ANEXOS

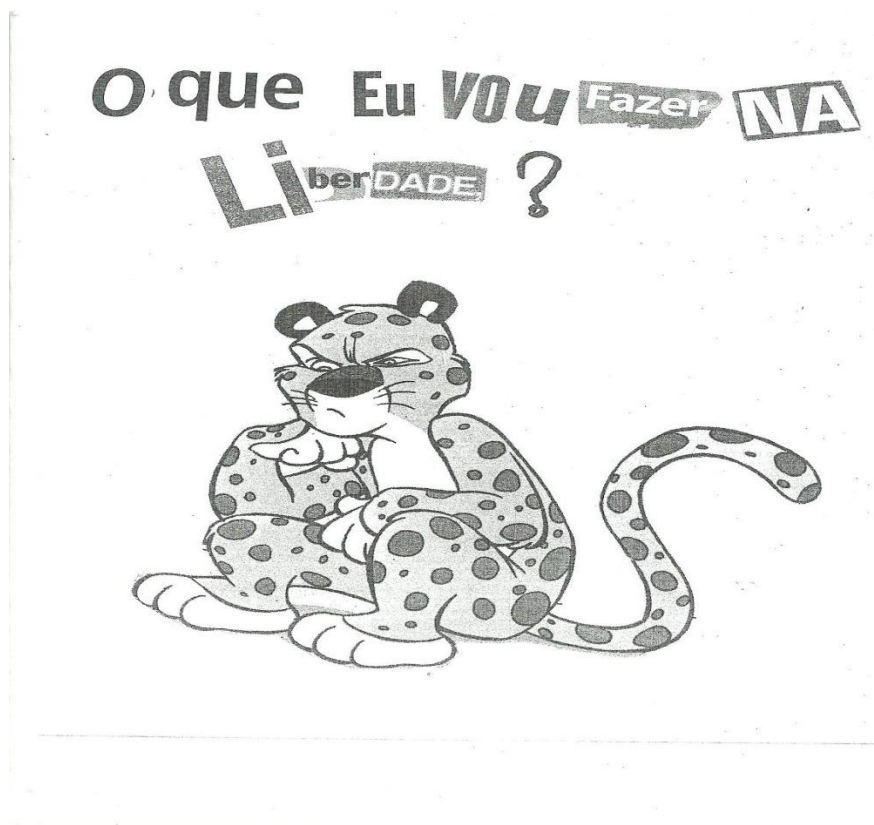


FIGURA 1. Adolescente em privação de liberdade. 18/07/2014



FIGURA 2. Adolescente em privação de liberdade. 18/07/2014



FIGURA 3. Adolescente em privação de liberdade. 18/07/2014



FIGURA 5. Adolescente cumprindo medida de semiliberdade. 23/07/2014



FIGURA 6. Adolescente em privação de liberdade. 18/07/2014

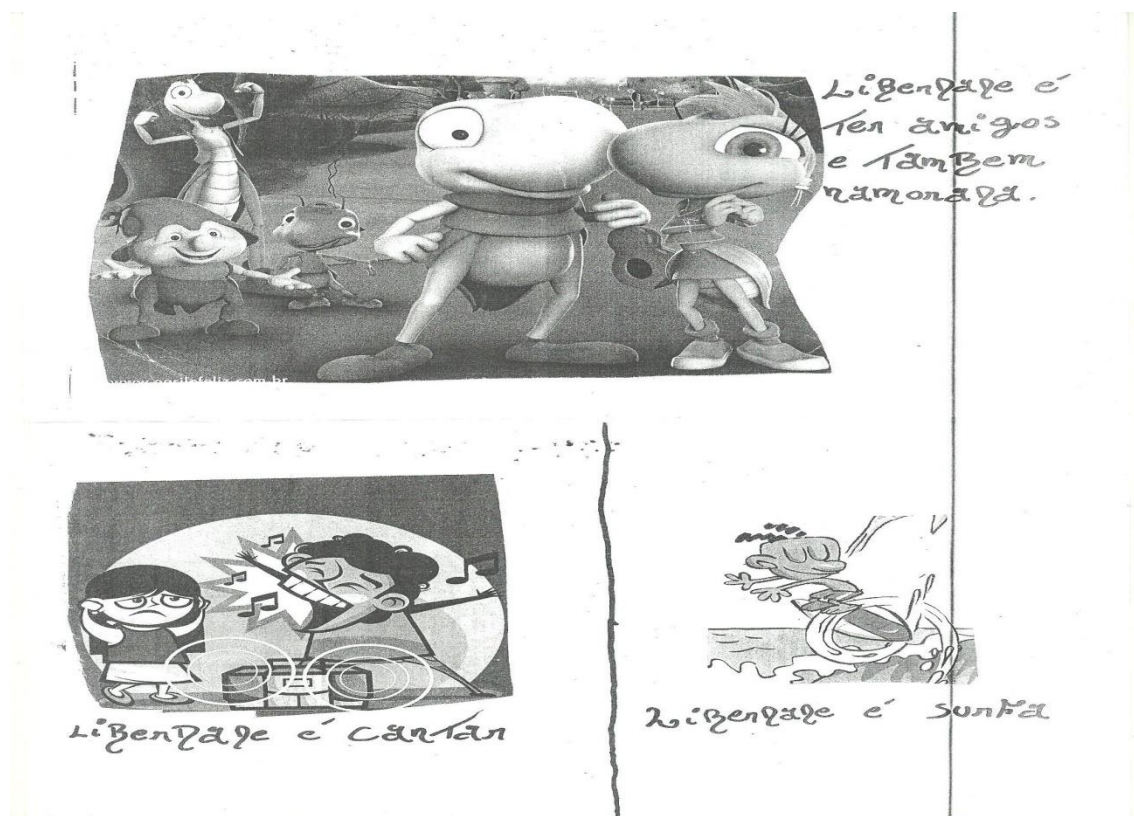
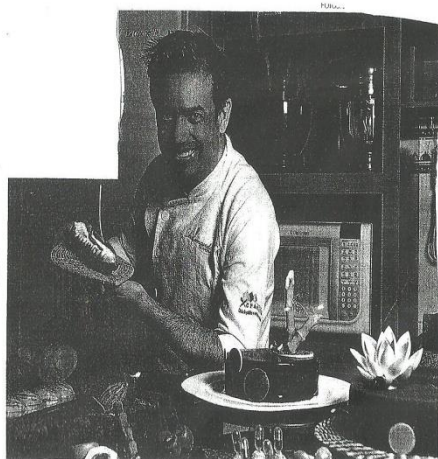


FIGURA 7. Adolescente em privação de liberdade. 18/07/2013

**Vontade
De voltar
para casa
OUTRO
CAMINHO PARA
A LIBERDADE**

FIGURA 8. Adolescente em privação de liberdade. 18/07/2014

Para a construção de um NOVO HOMEM



UMA PROFISSÃO



FIGURA 10. Adolescente em privação de liberdade. 18/07/2014.